

NOTA INTRODUTÓRIA

Idália Sá-Chaves
Universidade de Aveiro
idalia@ua.pt

11

Nas asas do condor...

Algumas questões prévias

O que cada leitor pode esperar de uma nota introdutória a uma determinada obra e ao seu texto é poder aceder a uma outra *textualidade* que, na imbricada teia de significados emergentes, seduza e desafie para a leitura dos complexos meandros que as narrativas, de forma surpreendente, continuamente (re) desenham em função de cada leitor e de cada momento.

Trata-se de um olhar sobre textos iniciais¹, que procura *resgatar a ideia*, desvendando-lhes os contornos e as essências, interpretando e trazendo à luz das palavras a magia das ideias neles ocultas, como se, no correr do tempo, um outro *fio de Ariadne* pudesse, ainda e sempre, prenunciar o caminho no entrosamento conceptual que propõem.

Assim, o que a nota introdutória acrescenta é a possibilidade de aceder a uma *leitura* prévia, feita por outrem, a quem coube o **privilégio da antecedência**. Tal como se de uma experiência inaugural se tratasse, tem sabor a *véspera* e, nela, a expectativa e a novidade adivinhada nos textos são as marcas decisivas da descoberta, da partilha e dos seus fascínios. Não podemos, por isso, nesta condição de privilégio, deixar de agradecer aos autores dos textos que integram este número temático da Revista², bem como aos seus coordenadores, simultaneamente co-autores e organizadores da edição, o convite para sobre eles reflectir, num modo de olhar, que se quer supervisivo e (que), gostaríamos, vizinho do *olhar do condor*.

Importa porém, desde logo e sabendo como sabemos, que a reflexão é uma

¹ Sá-Chaves, I. “*Textos sobre Textos. Resgatar a Ideia*”, Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, 2005.

² “*Da Investigação às Práticas. Estudos de Natureza Educacional*”, publicação periódica do Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED), Escola Superior de Educação de Lisboa.

interpretação dos textos iniciais a partir das representações prévias da pessoa que reflecte, cuidar de alertar, quer para a subjectividade e limitação deste olhar pessoalizado, quer sobretudo para a riqueza exponencial das *leituras* que se lhe hão-de seguir.

São elas que, abrindo progressivamente a linha do horizonte textual, acrescentam e multiplicam os textos e os seus significados, num processo que, sobre si mesmo, se desdobra e constantemente se renova e expande.

Os textos que constituem o *corpus* deste volume permitem dois tipos de abordagem: uma mais imediata, de maior visibilidade e mais próxima, e outra menos acessível, porque implícita e quase oculta, a exigir distanciamento para que se torne possível um olhar que os contemple na sua transversalidade, ou seja, pedem um *efeito de zoom* que, do condor, aprenda a distância, e da relação afectuosa, a proximidade.

A visão próxima tem a ver com a especificidade de cada estudo apresentado, e assinala a sua dimensão mais explícita e manifesta na qual se reconhecem com clareza as coordenadas que tecem cada narrativa: os seus *lugares*, *tempos*, *sujeitos* participantes, bem como a *malha relacional* que os entretece, deixando também perceber as *intenções*, os *modos de agenciamento*, os *conhecimentos em trânsito* e a *qualidade dos afectos* que os interligam.

Outra, *invisível mas presente*³, decorre do texto colectivo, das regularidades que atravessam os textos e que apenas a leitura global permite entrever. Emerge então nessa *leitura inteira* uma configuração matricial, que é simultaneamente texto e (con)texto, acção e interacção, discurso e interdiscurso.

As vozes singulares dos autores de cada texto constroem a voz plural da instituição que, simultaneamente, lhes pede e devolve um sentido último, sempre fim e princípio de uma comunidade que (se) pensa.

Esta matriz conceptual bem poderia ser dita, na sua *arquitectura* metafórica, como uma cartografia de *rios que (con)fluem* e que, fluindo no respectivo leito de ideias, se encontram nas afluições adjacentes, abertas nas respectivas margens, engrossando o caudal, pressuroso no seu caminhar.

Todavia, nesta circunstância, parece-nos mais feliz e ajustada a bela metáfora do encontro *ao redor da mesa grande*⁴ onde cada qual coloca e troca palavras-pão e ideias-alimento acerca das possibilidades de desenvolvimento humano, bem como dos modos de os activar e estimular numa lógica de solidária partilha e mútua responsabilidade.

Como se, numa liturgia de procura, esta fosse a condição instituinte e *senha* geradora de uma cultura institucional de reflexão e de questionamento que abre portas à possibilidade e ao futuro.

³ Relembramos de Sofia de Mello Breyner Andresen “*ausentes estão os deuses mas presime...*”

⁴ Vasconcelos, T. “*Ao redor da Mesa Grande: Prática educativa de Ana*”, Porto: Porto Editora

Dos estudos

Integram este número **sete estudos**, que apresentamos de forma muito breve, relevando a **temática** (inscrita no título), a respectiva **autoria** e os seus principais **objetivos e considerações**.

O primeiro, “*Aprender a Ser Educador de Infância: O processo de supervisão na Formação Inicial*”⁵, pretendeu caracterizar, analisar e compreender o processo de supervisão na formação inicial dos Educadores de Infância. Os resultados sugerem que a qualidade do processo supervisivo se revela crucial para o desenvolvimento pessoal e profissional dos futuros educadores, não obstante algumas fragilidades identificadas pelos autores na sua organização e implementação.

O estudo seguinte, “*Por dentro de uma Prática de Jardim de Infância: A organização do ambiente educativo*”⁶, teve como objectivo aprofundar a reflexão sobre a prática própria, com particular enfoque na organização do ambiente educativo, percebido como suporte da acção do educador. Dele decorre o reconhecimento da importância da qualidade desse mesmo ambiente na promoção de um tipo de conhecimento, reflexivo e pessoal, identificado como *não standard*, que deverá ser desenvolvido ao longo da vida.

Por sua vez, o estudo “*Supervisão da Prática Pedagógica: Um processo de aprendizagem e desenvolvimento organizacional? Estudo de Caso numa Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico*”⁷ procura compreender, através das concepções e representações dos sujeitos participantes, o impacto da supervisão da prática pedagógica de alunos em formação inicial na aprendizagem e no desenvolvimento organizacional da escola. Os resultados sugerem uma potenciação ténue deste dispositivo supervisivo no contexto organizacional, não obstante a experiência anterior já longa com este tipo de formação, e relevam a importância e a intenção de desenvolvimento ecológico da escola como comunidade que (se)aprende.

O quarto estudo, “*Implicação da Supervisão de Estagiários no processo de (auto)formação dos professores cooperantes*”⁸, procurou perceber quais as implicações que a presença de professores estagiários na sala de aula pode ter nos processos de autoformação dos professores cooperantes, concluindo que a formação contínua destes professores, a partir do exercício de supervisão, constitui uma oportunidade excelente para o treino da prática reflexiva e para a revisão e aprofundamento do seu conhecimento através da introdução de novos elementos na sala de aula e de outros tipos e oportunidades de troca formativa.

⁵ Autoria de G. Matias e T. Vasconcelos.

⁶ Autoria de M. Rosa e I. Lopes da Silva.

⁷ Autoria de R. M. F. Silva e T. Vasconcelos.

⁸ Autoria de E. G. B. Rosa e T. Vasconcelos.

O estudo intitulado “*Os Portfólios Reflexivos na Prática Pedagógica. Implicações da participação do professor cooperante*”⁹ pretendeu explorar as implicações da participação do professor cooperante nos *portfolios* reflexivos elaborados pelos alunos em contexto de prática pedagógica, procurando compreender em que medida a sua participação poderia contribuir para o desenvolvimento de competências reflexivas dos estagiários e de si próprio. Os resultados apontam para o valor dos *portfolios*, cuja co-elaboração é reconhecida como estratégia potenciadora dos processos de formação partilhada, num *continuum* de problematização das práticas profissionais e de desenvolvimento de competências.

O penúltimo estudo, “*Desenvolvimento da Consciência Morfológica em Crianças de Cinco Anos: Estudo de Intervenção*”¹⁰, teve como objectivo perceber se a consciência morfológica em crianças de cinco anos é susceptível de ser estimulada através de uma intervenção específica, antes da iniciação formal à leitura e à escrita. Dos resultados obtidos, salienta-se que esse desenvolvimento é possível através de procedimentos intencionais por parte do educador e, ainda, que o desenvolvimento dessa competência pelo Educador de Infância supervisor potencia a qualidade da supervisão dirigida aos futuros profissionais.

Por fim, faz-se referência ao estudo “*A Criança, a Publicidade e as Práticas Alimentares: Resultados de uma investigação exploratória*”¹¹, que procurou reflectir sobre a relação entre a publicidade televisiva de produtos alimentares e as práticas alimentares de crianças em idade pré-escolar. Os autores concluem que a publicidade ocupa muito tempo entre os programas infantis, induzindo ao consumo e interferindo nas escolhas alimentares. Relevam que a mediação dos pais e da escola pode influenciar positivamente a experiência televisiva das crianças e as suas aprendizagens, através de projectos educativos que, ao nível da educação pré-escolar, articulem educação alimentar e educação para os *media* numa linha de educação para uma vida mais saudável.

Dos significados possíveis...

Como referimos anteriormente, uma *leitura* mais detalhada dos estudos apresentados permite encontrar regularidades que, sendo-lhes transversais, esboçam traços de uma matriz nos processos de construção de conhecimento, que se inscreve na **área científica da Supervisão** e tem como **locus da acção** (formativa e investigativa) a Escola Superior de Educação de Lisboa. A matriz que se esboça retoma as finalidades últimas dos processos

⁹ Autoria de H. Oliveira e T. Vasconcelos.

¹⁰ Autoria de C. Seixas e J. Rosa.

¹¹ Autoria de P. Roldão e F. H. Serra.

supervisivos: promover, estimular, orientar e regular processos de (auto) formação e de desenvolvimento (nas suas dimensões pessoal, profissional, institucional, social e humano), visando a emergência de conhecimento cientificamente relevante e de culturas de participação solidária, que sustentem a ideia universal de *bem comum*.

Os estudos aqui descritos cobrem, na sua diversidade, as diferentes modalidades supervisivas (pedagógica, profissional e pré-profissional, institucional, curricular e investigacional) e têm como suporte as estratégias de supervisão mais relevantes: a **observação** (nas suas múltiplas possibilidades), a **reflexão** (nas suas, também múltiplas, tipologias e níveis), a **comunicação** (percebida como agenciamento da qualidade na relação interpessoal e interinstitucional e como factor decisivo na construção de climas e culturas de intercompreensão) e a **avaliação** (como estratégia reguladora da própria acção formativa e investigativa).

Incidindo sobre as problemáticas da Educação de Infância e do 1º Ciclo do Ensino Básico atravessa-as, numa linha de continuidade e mútua implicação, a ideia da *grande infância* que assume esta fase do desenvolvimento pessoal e humano como *um tempo fundador*¹².

Reconhece-se nesta matriz uma **natureza epistemológica reflexiva, crítica e ecológica**, cujos princípios se reconhecem de igual modo.

Um **princípio de reflexividade crítica** subjacente aos processos de construção de conhecimento é, aqui, traduzido por uma intencionalidade estratégica que, representando um verdadeiro salto epistemológico, transcende o carácter, a intenção e a própria intervenção formativas dos projectos de acção descritos em cada estudo (o *ethos* formativo), para assumir e nele inscrever um compromisso investigativo sobre as suas próprias dinâmicas, estratégias, objectivos e conhecimento produzido, num processo de verdadeira vigilância supervisiva que, em *anel recursivo*, realimenta quer as práticas de formação, quer o conhecimento emergente através da investigação sobre as mesmas na linha da *grounded theory*¹³.

Torna-se pois evidente, no conjunto dos estudos, a assunção de uma *nova epistemologia da Prática*¹⁴ que, explicitando através da investigação o conhecimento tácito oculto na formação, contribui para a fundação de uma **identidade institucional**, que torna a instituição promotora reconhecível (e parceira) na *Grande Fala* que a continuada procura de aprofundamento do Saber e do Fazer científico, na especificidade das Ciências Sociais e Humanas, constitui.

A delimitação clara dos objectos de estudo inscritos nas problemáticas mais amplas, que lhes garantem o sentido e a pertinência, os procedimentos de recolha e de validação da informação e, ainda, a natureza dos referenciais

¹² Sanches, A. e Sá-Chaves, I., Projecto de Doutoramento em curso, Universidade de Aveiro.

¹³ Glaser, B. e Strauss, A. *The Discovery of Grounded Theory*, 1967.

¹⁴ Schön, D. (1983; 1987).

que balizam as interpretações são disso um claro indicador.

Também um **princípio de consciencialização da complexidade** da acção educativa valoriza a **diversidade** e o **valor acrescido da diferença** em processos de implicação, que se desenham nas cumplicidades dos grupos de intervenção e de pesquisa, indiciando a emergência de comunidades reflexivas mais coerentes, sustentadas e incluídas.

Por fim, o **princípio da contextualização** significa, nestes projectos e respectivos estudos, um assumido **compromisso com os contextos e com a sua transformação**, na multiplicidade das suas variantes, relações e contributos, pressuposto numa abordagem de tipo sistémico e ecológico, que acentua a importância das culturas e das transições que, transcendendo as *fronteiras* (físicas, conceptuais e relacionais), redesenham *mundos maiores* e mais solidários no seu próprio devir.

Que, por ser de todos nós, nos faz celebrar a alegria deste encontro.

Idália Sá-Chaves